



Afrotonizar: estratégia de livramento, criatividade e processos de cura

Naymare Santos de Azevedo¹

-
- 1 Artista, cineasta, escritora e mestranda no programa de pós-graduação multidisciplinar em cultura e sociedade do Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia (Ihac-Ufba). E-mail: naymaresazevedo@gmail.com.

RESUMO

Este ensaio faz parte da pesquisa para mestrado em andamento e busca investigar como as rotas de resistência ao projeto colonial que marca os corpos negros pode levar a processos de cura envolvendo experiências concretas traduzidas por meio do conceito/ação Afrotonizar, redundando na criação de redes de jovens negros que, através da criatividade e do empreendedorismo, buscaram construir narrativas descolonizadas sobre suas vivências.

Palavras-chaves: *Narrativas. Descolonização. Estratégia de livramento. Processos de cura e criatividade.*

ABSTRACT

This essay is part of an ongoing Master's thesis and aims to investigate how routes of resistance to the colonial project marking Black bodies can lead to healing processes involving concrete experiences translated through the concept/action of Afrotonize, which developed networks of young Blacks who sought to build decolonized narratives about their experiences from creativity and entrepreneurship.

Keywords: *Narratives. Decolonization. Deliverance strategy. Healing and creativity processes.*

INTRODUÇÃO

Este ensaio faz parte do processo de pesquisa para escrita dissertativa e busca apresentar os processos de compreensão da produção cultural enquanto um fazer intelectual e crítico, que aliado ao fazer artístico promove narrativas afrodiaspóricas que buscam apresentar um lugar de subjetividade de experiências negras. Os escritos, que aqui elaboro, saem das entranhas de todas aquelas que me pariram para ser eu a mulher que busco ser. Digo isso porque fui repartida em muitos fundamentos, em muitos ventres, em várias raízes. Sou filha de Ewá, uma orixá jovem, bela e rara. Escrevo porque devo honrar a todas aquelas que prepararam tudo antes da minha existência. Escrevo pela restituição da minha alma e retomada do meu corpo, não apenas o meu, mas todos aqueles que me atravessam e me constituem. Escrevo aqui, porque venho reivindicar a herança que a mim me cabe, não a que a mim foi dada.

Não tenho pretensão de obter respostas, mas, sim, tecer memórias emaranhadas pelo tempo. Tempo esse que não é meu, não é seu, não é de ninguém, foi inventado, assim como para mim foi forjada uma máscara branca que quer me sucumbir. Eximir os meus

desejos de ser livre como o vento e redimir-me das minhas paixões forjadas por uma codificação castradora do ser.

Meu primeiro passo nesta trajetória analítica é colocar reflexões baseadas nas experiências vividas pelo meu corpo negro, com o meu olhar sobre o mundo e sobre como corpos negros se encaixam nele. Como a subjetividade que carrego – mulher, preta, nordestina, bissexual, classe média, candomblecista, filha de família pobre, negra e indígena – se projeta diretamente na minha produção criativa e intelectual. Pretendo aqui não apenas refletir sobre uma noção epistemológica guiada pelo academicismo,² mas entendendo o poder da palavra e da escrita como agente do movimento transformador da realidade, quero estar desperta para construir junto com as grandes mães o saber de desobedecer e rebelar contra todas as ordens que pretendem castigar minha existência.

Estar acordada à feminilidade negra menos como matéria a ser examinada e mais como tecnologia transformadora, que me torna mundo. Estar acordada à feminilidade negra como lente que media minha experiência com esse mesmo mundo. O que por sua vez, é também um trabalho intelectual, possivelmente ainda mais dispendioso do que ter ‘objetos’ e se separar deles. (GUEDES, 2018, p. 10)

ESCRITOS DE SI, ARRIANDO OFERENDAS

Escrevo para convidar todas aquelas e aqueles que estão dispostos a abolir o mundo como conhecemos e a participar da luta de reconstrução de nossas subjetividades, elaborando ferramentas ancestrais e visando a construção de mundos possíveis às liberdades. É por trilhar as pistas deixadas por minhas mais velhas e meus mais velhos, ancestrais que me ensinaram o caminho da resistência, e por acreditar na potência do local de construção das memórias

-
- 2 Academicismo, termo que, na arte, se refere à pintura, escultura ou construção criada segundo normas de uma academia.

experimentadas pelo meu corpo que escrevo. Para contribuir com o enegrecimento de narrativas que possam servir como bússola consciente das subjetividades de corpos que vivem à margem da vulnerabilidade. Encaminhar aqui possíveis estratégias para livramento de armadilhas passíveis à nossa queda e morte. Deduzir caminhos de fuga para algumas emboscadas que o colonialismo nos oferece em troca das nossas almas criativas e luminosas.

Escrevo atravessada pelas incertezas dos acontecimentos ocorridos dentro de mim e de minhas e meus ancestrais. Escrevo com sede de vingança e ancorada pela perturbação inconsciente das violências carregadas pelo meu corpo, que vive em constante processo de atualização. Escrevo porque sei que o racismo, e suas formas de se introduzir em cada parte da subjetividade desse corpo negro, funciona como um mecanismo que detém o avanço e a emancipação de minha subjetividade. Como seguir e me esforçar cotidianamente para permanecer viva perante as estatísticas de genocídio da população negra?

Venho agora escrever sobre a minha rebeldia em não aceitar que a negação continue a me matar aos poucos. Não vou aceitá-la mais amaldiçoando a mim e à minha família. Não deixo mais que ela me adoeça ou adoeça as pessoas que amo. Vou contar primeiramente aos meus semelhantes e aos indígenas o poder que o tempo-espaço do meu corpo pode revelar. Confio nos indígenas pois sei que eles a mim doaram terra, sangue e feitiço. Meu avô por parte de mãe era índio, guardo uma foto que minha mãe me deu dele dentro de um livro. Ele também escreve comigo este texto, porque, além de ser memória, ele me pertence, é um ancestral meu.

Através das memórias experimentadas pelo meu corpo reescrevo, me ergo e grito o que a história dita por homens brancos quis silenciar. Neste processo de cura-escrita, estão comigo as minhas mais velhas, todas as mulheres negras que me antecederam e as que comigo reescrevem a história neste momento-tempo. Recorro à **ancestrologia**, conceito desenvolvido e introduzido a mim pela

artista e pesquisadora Cíntia Guedes, uma amiga querida que a ancestralidade e a minha irmã Jota Mombaça me trouxeram neste tempo-espço de existência.

Entendo hoje que o tempo-espço dos encontros é guiado pela potência urgente de reescrevermos as histórias que nos foram saqueadas. Como me disse Grada Kilomba (2019, p. 223), “nossa história nos persegue porque foi enterrada inapropriadamente. Escrever é, neste sentido, uma maneira de ressuscitar um trauma coletivo e sepultá-lo apropriadamente.” Escrevo aqui, então, não apenas sobre mim, mas sobre aquilo que precisa ser dito por mim, sobre os meus, os nossos traumas.

Dessa vez, quero escrever sobre mim, livre do medo que falar sobre mim causa. Compreendendo que, antes das minhas ancestrais serem sequestradas, existiam condições possíveis para expressões orgânicas de liberdades subjetivas para o meu corpo negro. Entendo, com Cintia Guedes e sua **ancestrologia**, que retomando memórias que não são exatamente minhas convoco outro tempo de escrita. Retomar a memória não é buscar necessariamente a origem. Como reconstruir um caminho despedaçado? Como percorrer uma volta sem cair nas mesmas arapucas eurocêtricas? Retomar é preciso para que o estado de atenção seja despertado, mesmo quando na ação de retomada as dores que surgem no caminho parecem insuportáveis.

Busco propor o conceito “afrografias” proposto pela pensadora Leda Maria Martins (1997) como metodologia do processo de investigação íntima e profunda por onde meu corpo percorreu e produziu memória. Leda, ao compreender esse percurso pela memória e o recorte destas experiências escavadas no tempo-espço regido pela ancestralidade como afrografia, nos permite elaborar as rotas por onde o corpo negro diaspórico percorreu e o que foi registrando enquanto performance ritualística e cultural.

Entendo a memória como uma espécie de arquivo de imagens-e-energias em movimento entre o tempo e a história. Irei percorrer

as andanças por onde caminhei, os territórios por onde cruzei, as fronteiras que derrubei, os limites que rasguei e as energias que movi, sendo e carregando o corpo-energia de uma mulher negra, indígena, nordestina e macumbeira. O que meu olhar guardou em sua retina e transformou em memória? Dentro dessas memórias, o que é trauma? O que precisa ser curado? Quais águas foram represadas e quais viraram lágrimas?

Desta forma entendo junto a Leda Maria Martins que “afrografia” é a transcrição das memórias que guiam as memórias da negritude. E ao atravessar esse campo – imagem-energia –, me reencontro com versões e narrativas dispersas, que precisam ser reunidas para serem mais bem revisitadas. Ao me deparar com esse material, faço o trabalho de análise e seleção daquilo que precisa ser guardado e daquilo que precisa ser curado. Do material separado, seleciono e movo as memórias que sofreram processos de trauma para um espaço onde elas irão se “afrotonizar”. Elaboro “afrotonizar” como conceito-ação e considero a prática de investigar os traumas como um sistema complexo de acesso a informações que precisam ultrapassar os limites do teórico, pois de fato o que o povo de cor precisa é instaurar processos de cura que o leve a elaborar estratégias de livramento das violências coloniais e construir outras possibilidades de futuro. Afrotonizar constitui uma plataforma de encontro, onde pessoas negras buscam através de práticas formativas e artísticas descolonizar narrativas e processos de cura dos traumas coloniais. A partir do encontro entre artistas, pesquisadores, empreendedores e jovens periféricos, intencionamos experiências criativas e intuitivas que impulsionem a criação de projetos e empreendimentos que tenham como objetivo transformar realidades impostas pelo mundo organizado pela brutalidade colonial. Sugiro afrotonizar como um conceito-ação, pois, se entendemos o conceito como nossa capacidade cognitiva de assimilação de um conhecimento e a ação como a prática do agir, podemos considerar “afrotonizar” como um ato que articula o conhecimento da cura na

prática-ação. Pensando então nas memórias como essa imagem-energia em movimento, como se dão os processos de investigação dos traumas? Sugiro afrotonizar como o ato de mapeamento das feridas coloniais e a prática de curas.

AFROTONIZAR COMO PROCESSOS DE CURA DAS FERIDAS COLONIAIS

Pretendo aqui afrotonizar o campo das ideias. Afrotonizar, para mim, é uma ação-conceito que surge da inquietação de articular o discurso à prática. Sendo então o ato de sintonizar, multiplicar, somar experiências de corpos negros em seus diferentes contextos de realidades culturais e sociais para desencadear processos de identificações individuais e coletivas. Para mim, afrotonizar é uma energia-gesto de cura, que surge de um processo individual que não seria possível sem o coletivo. Sem a troca com os meus semelhantes, sem os espelhos que fizeram com que me enxergasse negra. Surge na tentativa de reintegração de posse do meu corpo e de todos os outros corpos não brancos. Surge do esforço de juntar os cacos espalhados sobre mim, sobre os meus semelhantes.

O ato de afrotonizar só é possível pelos rastros que a ancestralidade deixou dos passos que vêm de longe e dos que ainda nos faltam percorrer por meio dessa ação-conceito. Percorro **afrografias** (MARTINS, 1997) da minha memória para reconectar-me com as capacidades de existências orgânicas. Neste processo-cura em formato de pesquisa, mergulho profundamente em minha alma a fim de conectar-me com os meus ancestrais, para que eles possam me mostrar caminhos possíveis para uma existência plena.

Entendo como cura o processo de recolher os cacos e remendar os pedaços que possam reconstruir o sentimento de pertencimento a um tempo-espço desconhecido. Entendo como cura a busca pela reintegração de posse de nossos corpos. Entendo como cura os gestos que devolvem a possibilidade de vivências de afeto que reverberem o amor, tanto o próprio quanto pelo próximo. Entendo como cura o processo de libertação completa do que causa dor,

entendo como cura a capacidade de se viver plenamente uma vida orgânica, na qual os sentidos sejam a “razão” e o único caminho regente da experiência de corpos nesse tempo-terra que compartilhamos neste mundo-espaço. Entendo como cura a única estratégia para me manter viva.

As táticas de dominação usadas por brancos na luta do acúmulo de recursos foram construídas pela tentativa de apagamento da representação da imagem de seres negros numa perspectiva positiva. Tais táticas são reproduzidas até hoje numa espécie perversa de hegemonia cultural imposta por uma supremacia fascista. Para bell hooks (2019), a forma como a cultura negra é transformada pela economia capitalista se dá nas dimensões de extrair dela tudo o que for possível e desapropriá-la simbolicamente da representatividade negra.

Uma vez que mesmo famílias constituídas por diversos e diferentes tons de escuro constroem uma escala interna de privilégios ou concessões baseadas no modelo da sociedade colonizada que determina os locais de acesso por condições fenotípicas, o colorismo é um desdobramento das violências coloniais e uma forma de reatualizar as dolorosas experiências de pessoas negras decorrente do racismo. Ao se perceber negro ou negra, o sujeito conforma-se, automaticamente, com um destino marcado pela localização marginal na sociedade. Por outro lado, reivindicar a condição de negro ou negra é afirmar identidade que vai ser alvo do sistema supremacista branco, que tem como objetivo aniquilar e dominar a raça e a cultura negra. É dentro desta perturbação (in)consciente, que marca a subjetividade de pessoas negras vítimas do processo de colonização e que se encontra em diáspora na contemporaneidade, que se inicia minha escrita.

Eu, ao performar minha feminilidade negra, busco fugir de qualquer prisão condicionada pelo sistema colonial, mesmos as oculares cotidianas que me miram com julgamentos – para essas, minha avó fez quebranto, desde pequena, contra o mau-olhado, ao

me benzer com ervas sagradas. Mas de algumas maldições brancas minha avó, preta e mãe de santo, não pôde me proteger. Passei um grande tempo da minha vida sem entender ao certo as conjunturas estruturais da sociedade que cerceia minha existência e que fez com que eu praticasse o auto-ódio e mutilações subjetivas. Foram muitos os anos de dor e solidão que fizeram com que a confusão mental do meu lugar no mundo me levasse à loucura e à descrença em mim. Pois, como afirma Mombaça (2019), são muitas as condições que fazem “o mundo ser meu trauma”, e, conseqüentemente, foram muitas as lutas que travei para sobreviver e estar aqui, escrevendo as experiências do meu corpo e as estratégias que adotei para me manter viva. As negociações que fui obrigada a fazer para, estrategicamente, performar um modelo possível de minha existência nos espaços compostos por configurações coloniais foram e são constantes.

Não tem sido uma experiência de vida fácil, ainda estou em busca de receitas para cicatrizar as feridas coloniais que ainda estão rodeadas de pus e espalhadas pelo meu corpo. Continuo a sentir o cheiro vivo e fresco de sangue dos meus antepassados nesta terra que chamaram de Brasil. “Mil nações moldaram minha cara, a minha voz uso pra dizer o que se cala, o meu país é o meu lugar de fala”, assim me sugere uma canção da cantora Elza Soares. Vivo então as marcas de uma experiência com feridas brasileiras de cicatrização sem fim. Um país saqueado, controlado, soberbo e arrogante, que mantém vivo no imaginário social das pessoas as violências coloniais.

Me confronto diariamente com as cruéis lutas cotidianas e recorro a Exú, Ogum e Oxalá, para que seja possível existir em um sistema de distopia constante. Peço desde a hora em que me levanto até a hora em que me deito que atualizem as ferramentas necessárias para que meu corpo seja protegido da morte e da branquitude.

Faço de mim o lugar de retomada para recolher os pedaços da mulher que me falta. Percorrendo as memórias experimentadas por mim e por meus ancestrais que nesse corpo são alojadas. Nele

encontro a encruzilhada de metodologias necessárias para escrever esta pesquisa. Como diz Jurema Werneck (2009), estou aqui neste processo-escrita porque **nossos passos vêm de longe**, porque, mesmo que cansativos e demasiados espaçados, eles são nossos e nos ensinam que a **ancestrologia** é um dos caminhos possíveis para garantir a manutenção da negritude em fuga. O tempo-espaço nos cobra estarmos sempre alerta. Iroko, o Orixá do tempo, nos pede atenção aos desígnios da vida e ao modo como ela tem sido conduzida. Xangô quer justiça e devemos honrar o senhor do fogo e das pedreiras.

Ademarcção do tempo-espaço pós-colonial, que rompe com a noção do que já existiu como se fosse, simplesmente, uma página arrancada, é mais uma arapuca eurocêntrica e, principalmente, academicista, de se isentar de qualquer resquício de responsabilização, ainda mais ao propor um raciocínio iluminista, em alusão ao indivíduo moderno, progressista e bondoso.

Os mecanismos de controle do sensível imagético e sonoro que fazem com que acreditemos nas histórias que nos são contadas nos noticiários de televisão diariamente são elaborados com o objetivo de manter pessoas negras em posições negativas quanto à sua subjetividade. Em uma sociedade estruturada pelo colonialismo, a ideia de que exista um Estado democrático de direito é totalmente falsa, principalmente para a população negra. A velha política colonial, mais uma vez intervindo diretamente no direito à vida das pessoas em uma falsa perspectiva de experiência democrática. Dentro de uma perspectiva de liberdades, corpos negros não chegam a gozar de nenhuma condição plena de experimentar a vida democraticamente, pois sempre estão na mira/margem do controle genocida e da precarização da sua humanidade.

Não venho aqui alimentar mais uma ideia romântica de sobrevivência dos meus ancestrais, mas, sim, reafirmar a sempre convenientemente esquecida importância das narrativas de povos afro-diaspóricos na construção e civilização do mundo. Sob o olhar

de quem experimenta uma existência africana em diáspora, busco aqui exercitar nossa capacidade de analisar os complexos efeitos causados pelo projeto colonial, para desta forma elaborar possíveis receitas de cura.

Acredito numa razão herdada de meus ancestrais que, alicerçada na propagação de valores coletivos baseados na generosidade do espírito como estratégia de desenvolvimento, nos deixaram ensinados os valores éticos da Filosofia Africana. É no espelho das águas de todas as deusas Yabás que estão as metodologias necessárias para restabelecer o equilíbrio social nessa violenta esfera de existência da vida humana. Estes escritos, que aqui serão comentados, só são possíveis pela criação de várias mãos negras e pelo entendimento das diferentes histórias que atravessaram o meu caminho para que aqui eu pudesse estar hoje aqui. É na urgente missão de construirmos trajetórias que visibilizem subjetividades negadas que me habilito a retomar estes escritos.

AS ENCRUZILHADAS IMAGÉTICAS E A DESCOLONIZAÇÃO DE NARRATIVAS

Bell hooks (2019) nos lembra da dor que as pessoas negras sentem por não ter controle de suas imagens dentro da estrutura de representações colonizadas. Os negros foram privados de manifestarem suas subjetividades através da expressão da sua identidade cultural, por viverem imersos na alienação imagética e referencial da branquitude.

Não sou negra, **gritaram-me negra**,³ como ecoa o poema de Victoria Santa Cruz.. Assim, quando me entendo negra, negra sou. Como diz Lélia Gonzalez (2020), “a gente nasce preta, parda, marrom, roxinha e etc., mas se tornar negra é uma conquista”. Há milhares de anos tentam embranquecer as encantarias que existem nas significações culturais de nossas comunidades afrodiáspórica e indígena.

.....
3 Poema “Me gritaron negra” (1960) da poeta, coreógrafa, folclorista, estilista e ativista afro-peruana Victoria Santa Cruz. Cf. <https://bit.ly/3m2EZGw>.

Mas, se o racismo é estruturado por características de fenótipo, ousou dizer que a resiliência é genética e existe em cada parte de corpos não brancos. O segredo da manutenção e da preservação de nossas culturas é repassado por gerações, e a força para resistir aos massacres racistas de cada dia está na habilidade de ser generoso mesmo na dor e na capacidade de organização do povo preto, que manteve os valores de comunidade entre homens, mulheres e crianças para continuarem existindo. O asê dos nossos Orixás e ancestrais que se manifesta em cada Odu-destino de corpos negros e indígenas é criativo e iluminado pelo poder ancestral.

Se o poder é simbólico, o resgate da história ancestral de determinadas manifestações da cultura africana é uma das formas de restituição de nossas capacidades de exercer o poder da autonomia de representação e subjetivação de nossos corpos. Não acredito que apenas as políticas de representação sejam capazes de dar conta das complexas formas que o racismo age na dominação de nossas imagens, mas acredito que vem a ser uma das estratégias cabíveis nas estruturas dadas pelo sistema colonial.

Somos muitos em diáspora e estamos em movimentos constantes de sobrevivência na disputa por recursos. Eles nos devem. E apesar da dívida ser impagável, estamos preparados para cobrar e iremos começar reescrevendo nossas histórias e contando nossas verdades sobre nós e sobre todas as mentiras contadas por eles para que nos odiássemos. Somos a liga transmutante para o futuro reivindicado no presente e vamos retomar a ocupação de todos os espaços necessários até abolirmos o mundo como nós o conhecemos.

Entendi que meu processo de cura começava por voltar ao passado e investigar onde estavam as feridas coloniais que ainda machucavam minha subjetividade. Na cultura Iorubá, nós não somos ninguém sem termos sido antecidos e são aos nossos ancestrais que agradecemos a possibilidade de vida. Minha avó, para mim, sempre foi minha maior referência de resistência, eu sabia que seria ela o trampolim para o mergulho que precisava dar dentro de mim.

Retornar à conversa com os meus mais velhos e procurar de alguma forma retomar o fio condutor perdido, procurando nas memórias dos meus antepassados respostas que pudessem me ajudar a compreender como racismo e suas violências impedem a capacidade de pertencimento e identificação de pessoas negras com suas culturas, uma vez que o apagamento dessas memórias foi tão severo que a repressão dessas reverberações é perpetuada em forma de silêncio, numa tentativa de amenizar as dores que esses corpos carregam. Procuro, então, um lugar-terra para onde eu possa retomar. Um lugar-terra para que possa plantar minha existência e encontro um pedaço dele dentro de mim. Decido então percorrer o caminho das **afrografias** da memória, ensinado a mim por Leda Maria Martins (1997), costurando com estilete as narrativas que tecem as experiências do meu corpo negro que atravessam o tempo, me antecedendo e me fazendo presente e inscrita no futuro. Me dedico a essa escrita então para tentar compreender em quais encruzilhadas devo arriar meus ebós e saudar meus exus e em quais templos posso incorporar meus Orixás.

Leda Maria Martins (1997), ao pensar a cultura negra como uma encruzilhada, nos permite pensar nas formas de intersecção dos sujeitos nas suas experiências de vida mediante as memórias coloniais presentes na construção de sua subjetividade. Ou seja, permite pensar a dinâmica de corpos que viveram encruzilhados no planejamento das estratégias necessárias para sobreviver em um sistema de confronto entre realidades diversas e imposições hegemônicas do ponto de vista da dominação cultural eurocêntrica. Ela ainda discorre:

A encruzilhada, lócus tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito, da *performance*, é o lugar radial de centramento e descentramento, intersecções e desvios,

texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade e origem e disseminação. (MARTINS, 1997, p. 28)

Se podemos compreender a cultura negra como encruzilhada, em algum lugar da estrada é necessário arriar minha oferenda para que os caminhos se abram. Em meio a tantas incertezas do passado, do presente e do futuro, para desvendar os rastros perdidos de narrativas negadas a corpos negros, é preciso se conectar com Exu, o orixá da comunicação e das dinâmicas de movimentação das informações. Partir de mim pareceu um bom caminho para iniciar algum tipo de processo de orientação da minha própria subjetividade. Sei que, apesar de parecer muito pessoal, a minha história e a da minha família podem reverberar identificações coletivas.

Minha família é uma dessas milhares de famílias brasileiras com narrativas ocultas de nossos antepassados. Eu tinha noção que a família de minha mãe tinha ligação com parentes europeus, que ela foi abandonada pelo seu pai branco quando ainda era pequena e que minha avó negra foi mãe solo dela e de minha tia. São incontáveis as violências que essas mulheres sofreram ao longo de suas trajetórias de luta pela sobrevivência. Eu também sabia que meu bisavô era indígena, hoje com mais carinho e saudade, reconheço o rosto afro-indígena de minha bisavó. Já a família de meu pai tinha mais pessoas retintas. Apesar de não ter conhecido meu avô, sabia que junto com a minha avó tinha sido referência no Candomblé e que desta e de outras formas eles garantiram o sustento e sobrevivência da família.

Minha avó, yalorixá de 85 anos, mulher preta, matriarca, cultua seus ancestrais até hoje com o maior zelo e dedicação. Para mim, ela é o maior exemplo de resistência nessa encruzilhada de sobrevivência e manutenção das tradições de matriz africana. A oralidade foi a forma de transmissão e preservação dos saberes nas manifestações culturais e religiosas africanas no seu movimento de diáspora.

Acredito que ter crescido em um terreiro de candomblé, mesmo sem entender o que aquilo representava em minha identidade de fato, fez com que eu me sentisse conectada e encantada com a magia do universo que estava proposto ali no quintal de minha avó, onde passei a infância. Tinha algo de secreto e misterioso, e foi onde passei algumas das melhores tardes para as quais minha memória afetiva pode me transportar. O poder da palavra e da linguagem, fio condutor das tradições e representações da cultura africana, oferece encruzilhadas para os desdobramentos necessários à preservação do simbólico e da tecnologia ancestral na manutenção do segredo e da resiliência de corpos negros. Mesmo com tantas experiências possíveis de identificação com a cultura negra no meu ambiente familiar, o racismo velado, a proibição da afirmação da negritude e a marginalização dos cultos às religiões de matriz africana não me permitiram esse processo identitário na infância. Cresci confusa, minha mãe tinha pele clara, e na minha certidão de nascimento me tinha como parda, consequentemente, me apeguei a essa identidade na tentativa inconsciente de não me sentir vítima do racismo. No impulso de forjar uma máscara para minha identidade negra, fingi ser uma personagem que me causou muita dor e trauma.

CRIATIVIDADE COMO ESTRATÉGIA DE LIVRAMENTO

Aos 21 anos, ao me responsabilizar por carregar o legado ancestral que os Orixás me incumbiram e me iniciar no candomblé, não entendi no mesmo instante o que aquilo representava para minha existência. Mas, no mesmo momento em que aceitei me identificar com as manifestações culturais religiosas dos meus ancestrais africanos que viveram em diáspora no Brasil, uma informação perdida que existia em mim foi devolvida, minha essência foi devolvida pelo culto ao orixá que zela pelo meu destino nesta existência. Agradeço às Yabás, orixás femininas, que resgataram dentro de mim a força ancestral que me colocou em coerência com a missão que a mim foi

destinada no processo emancipatório da população negra. Parece e é um processo assustador se reconhecer negra na fase adulta, e funciona como uma espécie de construção tardia de identidade.

No movimento de encontrar um lugar seguro, entendi que não existe espaço seguro para vidas impossíveis. Depois de amargurar os traumas causados por não entender o funcionamento das cidades e das estruturas que insistiam em me engolir, retrocedi. Precisei de terra firme: colo de mãe e de vó. Decidi me curar, compreendi que o processo de cura coletiva só pode ser completa se entendermos que o nosso processo de cura individual é necessário para a urgência de sarar memórias físicas e psicológicas de corpos negros.

Com Grada entendi que para começar o meu processo de cura eu precisava descolonizar meu corpo e minha subjetividade através da reconstrução de minha história, utilizando a criatividade para me expressar. Essa percepção foi extremamente importante na minha transformação identitária e mais ainda na minha produção intelectual, pois entendi a capacidade de potência que o incentivo e multiplicação do desencadeamento de processos identitários descolonizados pode causar na abolição do mundo colonial que conhecemos. Em 2015, acabei mediando uma sessão do filme *KBELA* (2016), da cineasta Yasmin Thayná, em um restaurante de uma família branca com a qual mantinha convívio e, novamente, por ser a única negra do ambiente, salvei a vergonha do evento. Confesso que foi o meu primeiro contato com uma cineasta negra independente. O processo de identificação com a narrativa foi instantâneo. Primeiro porque se tratava de uma jovem mulher preta fazendo filme sobre mulher preta e sua subjetividade; e segundo porque era o filme de uma mulher preta fazendo filme independente e rodando o Brasil divulgando e falando dos processos do seu filme.

Aquela noite foi inspiradora para mim e me senti capaz de fazer o mesmo. Determinar a condução das narrativas que a mim foram negadas. Elas começavam pela história da minha ancestralidade, as histórias dos meus antepassados que não fazem parte da história

oficial. Insights criativos de narrativas audiovisuais então começaram a me tomar e me fizeram construir o processo fílmico do *Terreiro de memórias* (2017). O curta-metragem aborda a relação entre mim e minha avó e nossas relações em diferentes gerações com os legados de nossa cultura negra. Ela, yalorixá, e eu, na época, yaô: duas mulheres vivenciando em tempos diferentes opressões coloniais e procurando curar suas feridas através do afeto.

O filme me despertou para a necessidade de continuar no processo investigativo que tinha se apresentado para mim como uma possibilidade de cura. Cura não só minha, mas da minha avó também, fazendo com que ela sentisse que a narrativa de sua vida era importante não apenas para mim, mas para todas as famílias negras que tiveram seus afetos rompidos. No livro *Olhares negros* (2009), bell hooks cita uma visão importante do cineasta senegalês Ousmane Sembene sobre papel do cinema na reconstrução da imagem do negro:

Você precisa entender que, para pessoas como nós, não existem coisas como modelos. Somos convocados constantemente a criar nossos modelos. Para o povo africano na diáspora, é quase a mesma coisa. O colonialismo significa que nós sempre devemos repensar tudo. (HOOKS, 2009, p. 33)

O universo do audiovisual me pareceu um território propício a ser explorado, já que compreendia uma indústria e toda uma dinâmica do mecanismo de funcionamento de produção. Ser mulher e negra fazendo cinema negro em competição no mercado audiovisual me exigiu muito esforço e paciência para encarar uma estrutura extremamente racista e misógina. Segundo a Agência Nacional de Cinema (Ancine), a indústria audiovisual no ano de 2018 correspondeu a R\$ 25 bilhões do PIB. Isso quer dizer que, na política econômica, o setor audiovisual, além de disputar narrativas de representação, também disputa o poder econômico gerado pela indústria.

A subjetividade negra está sempre nesse confronto com a projeção do que o homem branco constrói negativamente sobre ela. Fui percebendo que para sobreviver dentro de um mercado tão doentio precisaria aprender a me utilizar das mesmas ferramentas que eles. Aprender a percorrer os caminhos de onde estava o dinheiro e como fazer para que ele venha para a produção de narrativas de pessoas negras atuantes das cadeias da indústria criativa.

Assim como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, bell hooks e Cíntia Guedes me ensinaram, escrever sobre si é um movimento de autonomia, restituição de posse de nossas almas. “É um gesto político implicar a memória singular em um registro coletivo, sabendo que esse coletivo está atado ao nó das temporalidades e que está sempre se refazendo em operações de subtração, e não de soma” (GUEDES, 2017, p. 17).

Acredito que faz parte do comprometimento ético e ancestral com a humanidade impulsionar redes que promovam a reconstrução de subjetividades representativas de corpos negros, embora a perspectiva de humanidade na contemporaneidade ainda pareça uma ficção de experiências possíveis. Em certo espectro, esses corpos são reais e são vítimas de ações que os colocam como alvo de um sistema necropolítico.

A urgência de nos colocarmos em primeira pessoa em espaços onde os poderes são determinados pelos saberes é de não permitirmos que continuem a colonizar nossas narrativas e que se apropriem discursivamente da dignidade que nos resta, como a nossa sabedoria ancestral, a nossa cultura subjetiva e individual, o pedaço de África que trouxemos dentro de nós, fio que nos conecta e nos resgata do presente e que nos traz a memória de um passado desconhecido.

Propondo um universo novo para alcançar lugares ainda não des-
pertados, parto do exercício de expansão das mentes para pensar como criar caminhos e rotas de fuga das armadilhas coloniais. Nossos jovens crescem discriminados pelos tons escuros de suas peles. Por conta disso, torna-se um dever da comunidade negra

lutar para reestruturar nossas práticas socioculturais e para que os potenciais criativos de nossos jovens não sejam exterminados.

É preciso que se pense em rede, em como se conectar ao próximo e expandir as redes criativas que produzem reflexões sobre a cultura negra em um contexto de diáspora. Igualmente, faz-se necessário que tais redes busquem proporcionar a afirmação dessa cultura, costurando os fragmentos soltos e devolvendo o sentimento de pertencimento do coletivo às suas origens africanas.

Para Ailton Krenak (2019), estamos em um constante movimento de comoditização de nossas capacidades, monetizando nossas experiências e nos tornando produtos a serviço do grande mercado de afetos. Estamos cada vez mais nos distanciando da nossa capacidade ancestral de produzir modos de vida que tenham nossos instintos e intuições como instrumento referencial do viver. Estamos sendo programados em padrões de vida massificados, globalizados e segmentados. Será esse o segmento que dá direção à economia da criatividade? Será que estamos sendo levados a contribuir para mais uma arapuca colonial ao acreditar que a criatividade pode ser economicamente medida? A quem serve a ideia sustentável de viver? Em quais mercados querem nos incluir? Em quais circunstâncias a diversidade é representada? Basicamente são abertos novos mercados e novos grupos de elites, e os baseados na criatividade são considerados *hypes*.

No mundo tal como nos é dado, nos cabe perseguir os caminhos nas travessias que nos mantenham em movimento espiralado, para que não seja preciso nos render aqueles que insistem em nos capturar e nos colocar em caixinhas. Nas cenas coloniais que se reproduzem e se multiplicam cotidianamente, proteger nossa recusa e liberdade criativa se torna o nosso movimento de fuga. Aquilombar é preciso, seja na palavra que se fala, na imagem que se observa ou no som que ecoa e que vem do infinito. O movimento é o que pode vir a garantir que eles não nos alcancem. Por isso nessa escrita me

proponho a elaborar planos de fuga para nossas vidas impossíveis, que se manifestam nos sonhos ancestrais uma das outras.

Afrotonizar é um ato descolonizador que surge da possibilidade de troca criativa entre pessoas negras, funcionando como um ritual coletivo de exercícios que busque curar corpos negros e suas subjetividades para, então, tensionar o campo dos sonhos e da imaginação por meio do trabalho em cima das autoficções e da construção de ferramentas transformadoras de realidades para pessoas negras e suas comunidades. Afrotonizar é o ato de reparar o trauma colonial coletivo ocasionado por séculos de violência histórica, proporcionando através da criação de redes entre pessoas negras a reconexão de potências que foram separadas no processo de colonização.

Acho que já nasci curandeira, pois curar é uma espécie de magia ancestral nossa que, mesmo com todas as tentativas de assassinato, continua viva, curando e escrevendo curas. Busco ferramentas que ainda não estão acessíveis para construir um mundo onde a minha promiscuidade em conduzir a vida seja respeitada e dignificada. Porque os meus santos não são europeus, não tenho medo da moral imposta pelo cristianismo. Culpa é coisa de gente branca. Não sou branca, Orixá sente raiva e se vinga, caboclo lança flecha e caça na mata e na cidade para sobreviver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade negada às pessoas negras em nome de um projeto de modernidade custou e custa a capacidade de existência em diversas perspectivas de manifestação cultural e social de toda uma população. A construção da modernidade edificada pela escravização de corpos negros teve como incubadora o oceano Atlântico. Fez com que pessoas fossem denominadas **negras** e enquadradas em um sistema de dominação para anular suas subjetividades e expressões culturais orgânicas e originárias. Reconstruir as imagens dilaceradas pelo projeto colonial é uma das estratégias sensíveis que pode servir como ferramenta de transformação dos imaginários das

cenar coloniais cotidianas que condicionam o auto-ódio do povo negro. Quais as cenas que ainda não vimos? De quais imagens de corpos negros que fogem das cenas coloniais lembramos? Quais as memórias de representações de corpos negros fora dos estereótipos marginalizados que nos inspiraram?

Este trabalho surge da necessidade de reconstruir imaginários de pessoas negras no campo social cotidiano, possibilitando analisar e propor reflexões estratégicas para transformar realidades sociais e restituir a subjetividade de corpos negros historicamente marginalizados pelo projeto colonial.

Para Grada Kilomba (2019), a importância de contarmos nossas histórias, através da apropriação da narrativa e da colocação das experiências pessoais do sujeito, está na afirmação e na ocupação desses espaços. Quando propomos uma narrativa em primeira pessoa, sempre somos interpretados como pessoal demais ou não científico. Como se nossas vivências e experiências sociais, enquanto pessoas negras, não merecessem espaços acadêmicos por serem mediadas pelo próprio sujeito.

Portanto, acredito que a construção de narrativas negras ainda é um caminho a ser construído para que possamos estabelecer o estudo preto. Enquanto os espaços de poderes e decisão forem ocupados por uma elite heterogênea e branca, precisaremos desenvolver estratégias de livramento. Este trabalho não tem como objetivo apenas relatar a experiência isolada de um projeto sem compreender os efeitos do racismo na construção subjetiva da população negra. Ele tem como objetivo entender como corpos negros em diáspora estão se movendo em busca de liberdade, reconectando-se com a possibilidade de resistência para criar mundos possíveis para nossas vidas impossíveis. O entendimento pode ser construído na partilha de nossa fala através da arte, da produção da liberdade em nossas subjetividades, da comunicação entre as culturas e da política que vise a pluralidade de existências.

A partir de qual perspectiva política nós sonhamos, criamos e agimos? O mundo real da criação de imagens é político e a política da dominação influencia a forma como a grande maioria das imagens que consumimos é elaborada. (HOOKS, 2019, p. 36)

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L. A. Raça e Gênero no Cinema Brasileiro (2002–2014). *Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas*, Rio de Janeiro, [2014]. Disponível em: <https://bit.ly/3BAJ5KJ>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GUEDES, C. *Nada (é) razoável*. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HOOKS, b. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARTINS, L. M. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza, 1997.
- MOMBAÇA, J. Não existe o pós-colonial! *Goethe Institut*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2VLw7dm>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. Lisboa: Galerias Municipais, 2019.
- SODRÉ, M. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SODRÉ, M. Uma lógica perversa de lugar. *Revista ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 916, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3scXb19>. Acesso em: 12 ago. 2021.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: VERSCHUUR, C. (ed.). *Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux*. Geneva: Graduate Institute Publications, 2009. p. 151163. Disponível em: <https://bit.ly/3BugSFh>. Acesso em: 23 ago. 2021.